JORNAL DE
SÃO DESIDÉRIO

ANO I - EDIÇÃO ZERO - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

SÃO DESIDÉRIO - BAHIA, FEVEREIRO DE 2010

São Desidério comemora 48 anos

Orla da Barragem

No dia 22 de fevereiro de 1962, por meio do decreto Estadual nº 1.621, assinado pelo governador Antonio Lomanto Júnior, São Desidério foi oficializado município, com uma área total de 14.876 km² e o título de segundo maior município em extensão territorial do Estado da Bahia. ***Pág. 4.***

Sustento que vem da natureza

Aos 31 anos Lení Barros exibe orgulhosa a bolsa que aprendeu a fazer com o capim dourado e a palha do buriti. A história dela é parecida com a de outras 40 pessoas da Associação dos Trançadores da Palha do Buriti de Ilha do Vitor a 30 quilômetros da sede de São Desidério. ***Pág. 7.***

O fazendeiro que deu nome à cidade

Viaje no tempo com as histórias da crição do município de São Desidério, conheça alguns personagens responsáveis por passagens que marcaram épocas. Uma homenagem especial pelos 48 anos de São Desidério. ***Pág. 4 e 5.***

Primeira termelétrica do Brasil movida à biomassa

A Sykué Bioenergya Eletricidade, instalada em São Desidério é a primeira usina termelétrica do Brasil a produzir eletricidade a partir da queima do capim elefante. A capacidade inicial é de 30mw por hora, suficiente para atender a uma cidade de 30 mil habitantes. ***Pág. 3.***

Editorial

Histórias de cada dia

Em São Desidério, terra que leva o nome de um de seus desbravadores, as comemorações pelos 48 anos de emancipação política começam cedo. Uma alvorada acorda os moradores e faz o convite para que acompanhem o cortejo.

E não poderia ser diferente. Um dia tão especial merece honras especiais e muita homenagem. Não foi por acaso que a data de 22 de fevereiro de 2010 foi a escolhida para o lançamento do mais novo veiculo de comunicação do município. O Jornal de São Desidério.

Com a proposta de promover a integração e a participação popular, o jornal será publicado todos os meses. Terá espaços para reportagens, opiniões, fotografias e muita informação. Nesta primeira edição, traz páginas dedicadas ao município que completa 48 anos e que está entre os lugares mais fantásticos do Brasil para se conhecer, segundo o programa Fantástico, da Globo.

A matéria principal, nas páginas 4 e 5, faz uma viagem pela história de São Desidério. Uma história marcada pela alegria e garra daqueles que iniciaram a construção deste pedaço da Bahia. Uma história da qual há poucos registros publicados. Porém, que não caiu no esquecimento graças às recordações ainda inabaladas de pessoas como dona Lali, hoje com 95 anos.

Mas se naqueles tempos quando o saudoso padre Armindo caminhava quilômetros para realizar missas e casamentos pelo oeste da Bahia não há muitos registros. Hoje tudo está bem diferente.

São Desidério cresceu. Atingiu a maioridade. Emancipado há quase meio século, detém títulos nobres que demonstram seu desenvolvimento. É o maior produtor de algodão do Brasil. E o maior na produção de grãos do Norte/Nordeste brasileiro. Suas terras são disputadas por pessoas que sonham em construir um futuro de sucesso e prosperidade.

Como é o caso da primeira termelétrica movida a capim elefante do Brasil. A Sykué, que começa a operar agora em fevereiro, pág 3.

Na saúde, na educação e no turismo São Desidério também registra grandes avanços. Um bom exemplo é a Casa de Apoio à Gestante, pag. 6 que acolhe com carinho futuras mamães da zona rural. Uma demonstração de cidadania que merece ser destacada, ser propagada.

Registrar esses avanços e tantas histórias do município é a proposta do Jornal de São Desidério. A cada mês, as edições chegarão às portas dos cidadãos que aqui vivem e também daqueles que de alguma forma possuem vínculo com esta terra. Trata-se de um veículo moderno e dinâmico, feito com a participação de todos. Um espaço especial está reservado para sugestões, idéias e opiniões pág.2. Porque a gente entende que o bom da vida é partilhar experiências, boas ou, nem tanto. Mas partilhá-las faz parte da essência do ser humano. Traga sua história até nós, certamente ela ajudará a construir a história de São Desidério. Uma boa leitura e até o próximo mês.

Cartas do mês

Caro leitor esta é a primeira edição do Jornal de São Desidério, a partir de agora você pode participar enviando opiniões e sugestões. Este espaço é destinado às cartas assinadas por leitores ou e-mails enviados para a assessoria de comunicação no endereço ascom@saodesiderio.ba.gov.br

Participe. Ajude a fazer um jornal democrático e cidadão.

Praça Emerson Barbosa, 01, Centro – São Desidério-Ba – CEP: 47820-000 – Contato: (77)3623-2145 (Assessoria de Comunicação)

JORNAL DE SÃO DESIDÉRIO

Publicação mensal do município de São Desidério / Bahia

EXPEDIENTE

Assessoria de Comunicação da Prefeitura de São Desidério (Ascom)

Agência de Publicidade: AIM Comunicação e Propaganda

Jornalista Responsável: Nádia Borges DRT 2923/PR

Reportagens: Ana Lúcia Souza / Jackeline Bispo

Fotógrafos: Ana Lúcia Souza / Jackeline Bispo / Rodney Martins

Colaboração: Cristina Sudre

Diagramação: Leilson Castro

Colunista desta edição: Florentino Augusto de Souza

Tiragem: Três mil exemplares

Impressão: Polygraf - Gráfica e Editora

Site: www.saodesiderio.ba.gov.br

Email: ascom@saodesiderio.ba.gov.br

End: Praça Emerson Barbosa, 01, Centro – São Desidério-BA

CEP: 47820-000 Telefone: 77 3623-2145

Nossa grande médica, grande farmacêutica

***Florentino Augusto de Souza**

Custódia era filha de Aurélio Alves Guimarães, de descendência portuguesa e de Maria Bela Rosa, natural de Bonsucesso, na região da Chapada Diamantina. Nasceu na Fazenda Grota do Boi, neste município, no dia 18 de outubro de 1927, dia do médico.

Iniciou suas atividades comerciais por volta do ano de 1948, ano em que se casou com Florentino Augusto de Souza, funcionário de uma loja de tecidos, medicamentos e armarinhos em geral, pertencente ao senhor Abelardo Alencar, que, percebendo o seu grande interesse em ler as bulas dos medicamentos para saber indicá-los às pessoas, também lhe ensinou a fazer aplicação de injeção intramuscular e endovenosa.

No início dos anos 60 os dois compraram essa mesma loja, que permaneceu em funcionamento até meados dos anos 80, período em que foi preciso fechá-la por motivo de doença do seu esposo e também pela grande estagnação do comércio local e da inadimplência de grande parte dos clientes. Foi uma época de muitas dificuldades, mas com garra e determinação conseguiu superar todos os obstáculos.

Ainda nos anos 80 trabalhou em uma farmácia pertencente a dois médicos de Barreiras, que funcionava na Praça Juarez de Souza, no período de 1º de agosto de 1980 a 30 de agosto de 1981. A partir de 1° de abril de 1982 trabalhou por mais de seis anos na farmácia Senhor do Bonfim, pertencente ao seu genro Demosthenes da Silva Nunes, sediada na Rua Dr. Valério de Brito, que encerrou suas atividades em 1988. Com isso foi convidada a trabalhar numa filial da Farmácia Popular, na Praça Abelardo Alencar (Praça do Mercado). Em todas elas trabalhou meio período, já que também prestava serviço à Prefeitura Municipal de São Desidério, no cargo de Chefe do Setor de Enfermagem, durante cinco anos, ou seja, de 1985 a 1990, período em que também auxiliava e acompanhava os médicos que atendiam na zona rural.

No dia 03 de março de 1993, o seu filho Florentino Augusto de Souza Filho (Souza), contando com o seu incentivo, instalou a Farmácia Nossa Senhora de Fátima e trabalharam juntos. A farmácia permaneceu com esse nome até o ano de 1998, quando mudou para Drogaria Nossa Senhora de Fátima e funciona até hoje, com o Slogan: "Tradição e Confiança", em referência aos mais de 45 anos de experiência de Custódia e à grande confiança que todas as pessoas da cidade e de todo o município sentiam quando ela ministrava o remédio para a cura dos seus males. Para quem não a conheceu e quiser saber do amor, carinho e reverência que todos sentiam por ela, basta perguntarem àqueles a quem por dezenas de vezes ela receitou remédios e curou suas feridas. Com certeza responderão:

- Foi a nossa grande médica, a nossa grande farmacêutica.

Ela não precisou de nenhum título acadêmico para exercer a sua missão, porque foi Deus quem a diplomou com eles.

Não foi por acaso que ela nasceu no dia 18 de outubro, dia do médico e faleceu no dia 20 de janeiro de 2008, dia do farmacêutico.

** Filho de dona Custódia, atual proprietário da famácia.*

Dona Custódia em frente à farmácia na década de 90

São Desidério é sede da primeira termelétrica do Brasil movida à biomassa

Primeira usina termelétrica à biomassa

Por Jackeline Bispo

A Sykué Bioenergya Eletricidade, situada a 120 km da sede de São Desidério, é a primeira usina termelétrica do Brasil a produzir eletricidade a partir da queima do capim elefante. Com capacidade para gerar 30mw por hora - quantidade suficiente para atender a uma cidade de 30 mil habitantes - a primeira usina entra em operação neste mês de fevereiro. O projeto contempla ainda a construção de outras três usinas. Assim que as quatro estiverem em funcionamento, em 2014, a capacidade geradorea será de 120mw/hora.

Segundo o diretor geral Norbertino Morais, a região de São Desidério foi escolhida observando características importantes. "O grupo empreendedor decidiu implantar a empresa na região nordeste. São Desidério tem área próxima de rede, é plana e produz bem a matéria prima que é o capim".

O sistema de integração e compensação da rede de distribuição permite que a usina abasteça várias regiões do Brasil. A energia produzida será entregue a Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (Coelba) e em seguida será comercializada. Parte da produção está garantida para o Grupo Pão de Açúcar.

Para o gerente industrial Cláudio José Dias, o projeto é inovador e importante para visualização do potencial de São Desidério. "O pioneirismo será a marca para o município que terá seu potencial energético melhorado, será gerador de emprego, pois estamos criando uma razão para a implantação de cursos técnicos e especializados na região".

Até fevereiro quatro mil hectares serão plantados com o capim elefante, o suficiente para abastecer uma usina. A unidade possui 107 funcionários fixos e cerca de 200 sazonais, contratados no período de plantio e de colheita.

A Sykué já tem 2.500 hectares plantados com capim elefante

Capim elefante

O capim elefante é uma cultura de origem africana e até pouco tempo servia apenas para a alimentação do gado. Estudos realizados com a espécie mostram que seu potencial de produção de energia é três vezes superior ao da cana-de-açúcar.

Por ter grande porte, produz muita massa, desta forma, é a variedade mais energética de capim. É renovável com rápido crescimento, baixo custo e alta produtividade. A queima do capim elefante gera cerca de 5% de gás carbono, mas as plantas em crescimento absorvem toda essa porcentagem por meio da fotossíntese, tornando a espécie a mais adequada na geração limpa de energia.

Além do Brasil a Inglaterra também produz energia com a queima do capim elefante. Esta matéria prima tem ciclos de cinco meses, ou seja, não é colhido na época da chuva. Todo o capim produzido na seca é armazenado, sua durabilidade de estoque é de mais de um ano.

Produção

O capim plantado é cortado e secado naturalmente. Em seguida, é transportado até a usina. Por meio de esteiras é conduzido às caldeiras onde é queimado. Aquecido em água tratada, passa do estado líquido para o gasoso e faz girar a turbina que movimenta o gerador. Esse movimento converte o vapor em eletricidade.

Todos os gases são tratados para sairem limpos da usina, o mesmo procedimento é realizado com a água utilizada, por isso o empreendimento tem saldo positivo de crédito de carbono.

Crédito de Carbono

Conhecido também como Redução Certificada de Emissões (RCE) consiste em um certificado emitido a empresas que reduzem a emissão de gases do efeito estufa (GEE). Uma tonelada de dióxido de carbono, por exemplo, corresponde a um crédito de carbono. A Sykué tem crédito positivo equivalente ao montante de 1 milhão de toneladas/ano.

A subestação localizada próxima à usina estabiliza a voltagem que sai do gerador

O maior PIB agropecuário da Bahia está aqui

Maior produtor de grãos do Norte/Nordeste

Por Jackeline Bispo

Nos últimos 20 anos o desenvolvimento agropecuário do oeste baiano entrou em evidência no cenário nacional. É neste contexto de crescimento socioeconômico que São Desidério se destaca como o município com o maior Produto Interno Bruto agropecuário estadual de 2007, com R$ 659 milhões, correspondente a 7,7% no valor agregado do setor, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O sul do estado era a principal região produtora com o cultivo das lavouras de cacau. A expansão da agricultura e pecuária no oeste trouxe uma nova realidade.

Segundo dados da Secretaria Municipal de Agricultura, a história da agropecuária em São Desidério tem início no fim da década de 70. Antes deste período, o plantio era voltado para a subsistência, poucos lavradores se aventuravam a produzir excedentes que eram comercializados para o estado do Tocantins ou para o baixo e o médio São Francisco por meio dos vapores que atracavam em Barreiras.

Desta forma era fácil adquirir grandes propriedades com preços acessíveis. Produtores do Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo viram em São Desidério uma ótima oportunidade para investir na produção de grãos como a soja, o milho e posteriormente o algodão, hoje as principais culturas introduzidas.

De acordo com o secretário de agricultura, Genivaldo de Assis, o município dispõe de condições que garantem a alta produtividade e a qualidade da produção. "Alguns fatores indicam o quanto as terras de São Desidério são atrativas, entre eles, o índice pluviométrico, a topografia dos terrenos e a localização estratégica, que facilita o escoamento dos produtos".

Os números de 2008 e 2009 ainda estão em fase de apuração pelo IBGE, mas as estimativas da Secretaria de Agricultura são de que em 2008 a produção teve seu auge, atingindo R$ 960 milhões. Fatores determinantes como o clima, o investimento em tecnologias e os preços das commodities impulsionaram esse crescimento.

Já em 2009 o prolongamento das chuvas no período da colheita comprometeu a produtividade. Os dados indicam que cerca de 20% da produção foram perdidos, gerando capital estimado em R$ 730 milhões. O engenheiro agrônomo José Marques Batista de Castro, explica que além da chuva prolongada, a produção da soja, por exemplo, apresentou outro agravante. "Focos de doenças como a ferrugem asiática e o mofo branco atacaram a plantação".

Marques ressalta que a implantação do laboratório de diagnose da Ferrugem Asiática da Soja no distrito de Roda Velha, pela Secretaria de Agricultura, tem ajudado a diagnosticar rapidamente a doença para que o produtor tenha tempo de tomar as medidas necessárias de combate e controle.

Todos ganham – O desenvolvimento de todos os setores da sociedade também é resultado da expansão agropecuária, pois a arrecadação do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) possibilita o investimento em educação, saúde e infraestrutura. Na geração de emprego e renda, e, consequentemente, oferece visibilidade ao município em setores como o turismo, o comércio e a indústria.

Diversidade que deu certo – São Desidério é quase do tamanho do Estado de Sergipe, com 14.876 km . Mantém o título de maior produtor de algodão do Brasil e é também o maior produtor de grãos do Norte/ Nordeste. Produz ainda, mamona, feijão, café, mamão e limão. Boa parte da produção é exportada para os Estados Unidos e para a Europa.

O fazendeiro que marcou uma cidade

Na entrada da Vila, primeira ponte construída sobre o Rio São Desidério, denominada Ponte do Val.

Por Ana Lúcia Souza e Jackeline Bispo

Os galos cantam no terreiro. O dia amanhece e com ele a certeza de que padre Armindo chegará na localidade. É hora de matar o boi, o porco, as galinhas e iniciar os preparativos da festa. Todos estão animados para assistir às missas de Nossa Senhora Aparecida e do Divino Espírito Santo, dias 19 e 20 de setembro, respectivamente. Por conta das desobrigas de padre Armindo – tempo que se leva para fazer peregrinação de lugar em lugar atendendo a toda região - essas missas são realizadas apenas uma vez por ano. A ocasião é única para celebrar casamentos e batizados.

No cair da tarde, ao longe avista-se um homem vestindo uma batina preta, acompanhado pelo sacristão, traz uma mula carregada com pertences pessoais e todo o material utilizado nas celebrações. Ao chegar no lugarejo um moleque logo se encarrega de levar o animal para beber água enquanto outros meninos rodeiam o vigário para pedir a benção. A recepção também é calorosa por parte dos adultos que esperam por tanto tempo para rever o padre e amigo.

A região faz parte do município de Barreiras e nela há várias propriedades. Mas uma em especial, chama a atenção. Ela pertence ao coronel Desidério José de Souza, proprietário de muitas terras e conhecido pelos moradores como uma pessoa bondosa, pois costuma doar parte de seus terrenos para aqueles que não têm onde morar e cultivar suas lavouras. Pela fazenda de Desidério passa muita gente a exemplo de tropeiros viajantes que pernoitam antes de continuar viagem a caminho de Goiás.

- Esse homem é mesmo um santo! Dizem algumas pessoas.

A fazenda fica próxima a uma capela e ao seu lado passa um ribeirão com muitos remansos e peixes, que incrementam a alimentação das famílias.

A noite chega e tudo se aquieta. Os preparativos estão prontos. A capela enfeitada, as carnes temperadas, as batidas de tamarindo, maracujá e limão engarrafadas. Agora, é só esperar o dia amanhecer.

São cinco horas da madrugada e muita gente esta de pé. É hora de tomar banho, vestir roupa nova e, do desjejum. O sino toca para avisar que a missa está para começar. Um ritual que costuma demorar pois, padre Armindo reza em latim e mantém a tradição de ficar de costas para os fiéis.

Depois da missa é a vez dos batizados e casamentos. Um, dois, três, quatro, cinco... e tantos quanto houver, inúmeras pessoas recebem os sacramentos. Enfim o farto almoço é servido. O sanfoneiro já esta por ali, com a zabumba e o triângulo, o forró começa a animar os convidados até a noite chegar. A festa só não demora mais porque o dia seguinte será de novos festejos e celebrações.

Os dias de festa passam e com o tempo o lugarejo cresce, vira vila. A admiração e respeito pelo fazendeiro Desidério faz com que os moradores o homenageiem e passem a chamar o local por Vila de São Desidério.

Esta é a história do nome do município de São Desidério. Apesar de não haver registros oficiais, está imortalizada na memória dos moradores mais antigos, é passada de geração para geração. Desidério não era santo e nem se tornou padroeiro da cidade, mas foi eternizado pela cultura popular.

Enfim, a emancipação

Até que São Desidério fosse emancipado foi necessário muitos homens lutarem por sua independência política a exemplo de Juarez de Souza, José Alves Ribeiro Sobrinho (Cazuza), Heliodoro Ribeiro, Olavo Pereira dos Santos , Otacílio Jesuíno de Oliveira, Bento Alves das Neves, Celso Barbosa dos Santos, Abelardo Alencar.

Em 15 de outubro de 1827, D. Pedro I assinou um decreto que transformou a região correspondente à Bahia, em Campo Largo. No final do século XIX Campo Largo foi desmembrado com a criação de Angical, em 1890, e Barreiras, em 1891. Devido a localização, São Desidério, Catolândia e Baianópolis ficaram pertencendo a Barreiras.

Em 10 de abril de 1895, o então governador da Bahia, Joaquim Manoel Rodrigues assinou um decreto que garantiu a São Desidério ser elevado a distrito de Barreiras.

Discurso de emancipação política, feito pelo primeiro prefeito, Abelardo Alencar na década de 60

Mesmo assim a população estava insatisfeita e em meados do século XX, os rumores pela emancipação começaram a se desencadear. Nessa época também surgiu a ideia de mudar o nome de São Desidério para Vila dos Palmares, mas a sugestão não vingou. Após muitas tentativas, no dia 22 de fevereiro de 1962, por meio do decreto Estadual nº 1.621, assinado pelo governador Antonio Lomanto Júnior, São Desidério foi oficializado município, com uma área total de 14.876 km², e o título de segundo maior município em extensão territorial do Estado da Bahia.

São Desidério acorda em festa

Desde a madrugada de 22 de fevereiro de 1997 que em São Desidério os foguetes e girândolas acordam a cidade para os festejos em comemoração ao aniversário de emancipação política. Um grupo acompanha o som da banda que invade as principais ruas ainda iluminadas. Aos poucos o barulho toma conta da cidade. Nos embalos de marchinhas festivas como a da 'jardineira', da 'cabeleira do Zezé' e de 'cidade maravilhosa' vem muita gente. Gente que foi personagem da história de São Desidério. Gente que ainda esta construindo páginas dessa história. Gente alegre que se empolga a cantar, dançar e a chamar pelo nome de moradores que ainda não despertaram. Outros já esperam em frente suas casas, saúdam a banda a passar e logo em seguida, se unem ao cortejo.

Com o dia claro, as luzes das praças se apagam e os pássaros fazem sinfonia enquanto o povo continua a tocar e dançar. Quando termina a caminhada ninguém vai embora é hora de renovar as energias com a tradicional farofa regada a café e chá.

Lembranças de São Desidério

Aos 95 anos de idade, os cabelos estão grisalhos e modestamente arrumados em coque, o porte franzino chega a quase um metro e meio de altura, e os olhos azuis ainda trazem uma beleza sutil à pele alva marcada pelos sinais do tempo. Maria Rodrigues das Neves, ou simplesmente dona Lali como é conhecida, uma das personagens mais antigas de São Desidério, relembra a época em que chegou ao município.

Filha de pai alagoano e mãe paraibana, Lali é natural de Princesa Isabel, na Paraíba onde nasceu em 18 de novembro de 1915. Chegou ao município em outubro de 1933 com os pais e oito irmãos, mas as lembranças do aspecto da cidade ainda estão frescas na memória. "Quando cheguei aqui só tinha a rua da beira do rio que passava pela igreja próxima à Casa Neves, que vendia tecido e a rua onde tinha um cemitério, próxima a saída para o Sítio, que era chamada rua do sabugo, que hoje é a Valério de Brito (colégio da cidade). Chamava assim porque havia um matadouro e os donos de roça debulhavam o milho e jogavam os sabugos na rua".

Lali explica que por conta do nome da rua, quem morava beira do rio não queria vir para festas do sabugo e que as senhoritas que moravam nessa rua eram chamadas de "as moças da rua do sabugo". "Pelas ruas de chão batido ficavam soltos cachorros, cabras, cavalos, porcos, espalhados por todos os cantos da cidade e muitas árvores. O resto era tudo manga de pasto. Não tinha energia elétrica. Em noites de lua cheia só se viam as rodas de moças em frente às casas a brincar de cantigas de roda".

Na pequena cidade lá pelo final da década de 30 as escolas funcionavam nas casas das próprias professoras como dona Uta e dona Inês. Os alunos não eram divididos por série, mas por livro. Dona Lali só estudou até o segundo livro, o suficiente para aprender lições decoradas e a declamar poemas e cantigas.

"Eu falava que tava com dor de barriga no dia de tomar a lição de tabuada para não ir à escola, mas certa vez mamãe desconfiou"

As lições decoradas segundo dona Lali eram cobradas geralmente às quartas-feiras em frente à escola onde os alunos faziam filas e quem não soubesse levava bolo de palmatória. "Eu falava que tava com dor de barriga no dia de tomar a lição de tabuada para não ir à escola, mas certa vez mamãe desconfiou", declarou entre risos. Uma data histórica de que ela não se esquece é o Sete de Setembro na cidade. "Enfeitavam os carros de bois que traziam a família real. Os alunos ficavam quietinhos nos pelotões para o desfile. Era muito bonito".

Como uma boa moça prendada da época, aprendeu ainda por volta dos 13 anos a costurar e fazer vários tipos de bordados. "Aprendi o ponto de cruz, ponto de rainha, bainha aberta, ponto de pasto".

Casou-se com João Alves das Neves, irmão do escrivão Bento Alves das Neves. Não teve filhos, mas criou uma das filhas de sua irmã Maria Rodrigues de Oliveira, dona Zinha, que se casou com Antonio Pereira da Rocha, o quarto prefeito do município. A sobrinha que considera filha lhe deu oito netos. Os bisnetos como ela mesma afirma, já perdeu até a conta de quantos são. A casa nunca esta vazia, toda hora chega uma visita. Dos pequenos aos grandes todos entram tomam a benção e chamam de tia Lali.

O jeito extrovertido e apressado de conversar chamam a atenção. Lali lembra os tempos difíceis e brinca afirmando que hoje o povo esta muito dorminhoco. Ela explica que antes era preciso acordar cedo. "Cinco horas da manhã já ouvia aquele barulho de gente passando com uma trouxa de roupa e de louça na cabeça para lavar no rio porque não tinha água em casa. Pão, a gente ouvia dizer que tinha em Barreiras. Mas aqui tinha que pisar o milho para fazer o cuscuz, fazer o beiju, cortar a lenha e botar água na chaleira para fazer o café no fogão caipira." Toda família tinha uma horta no fundo de casa onde também criava galinhas, plantava milho e arroz para consumo próprio. Produtos como sal, querosene, vinham em cargas no lombo de animais de Barreiras até São Desidério.

"Pão, a gente ouvia dizer que tinha em Barreiras. Mas aqui tinha que pisar o milho para fazer o cuscuz, fazer o beiju, cortar a lenha e botar água na chaleira para fazer o café no fogão caipira."

Além das boas lembranças também aconteceram fatos trágicos que ficaram guardados na memória de Lali. Um deles esta relacionado ao rio São Desidério. "Na época não existia a barragem e em alguns pontos era cheio de remansos. Certo dia duas irmãs banhavam próximas a um deles quando uma começou a se afogar. A outra foi salvar e também acabou morrendo".

A saúde era muito precária na cidade com a ausência de médicos. Era comum mulheres morrerem por complicações ao dar à luz. O parto era realizado pelas mãos de mãe Xuxuca, a única parteira da cidade. "Quando chegava a hora e a criança não estava encaixada, não tinha jeito, morria os dois. Se uma pessoa adoecia, era levada de rede por um grupo de homens que ia revezando o enfermo nas costas até chegar em Barreiras".

Outra página da história do município eram as festas tradicionais do dia das mães e reveillon que geralmente aconteciam no clube social Santo Onofre pertencente ao maestro Heliodorio Alves Ribeiro.. "Era um ambiente freqüentado apenas por famílias e por pessoas bem trajadas. Quando um homem não tinha um paletó para entrar no clube, Heliodorio arrumava emprestado de alguém".

O terno de reis era outra festa popular. "No total eram seis ternos aqui". Os festejos religiosos eram as novenas do Sagrado Coração de Maria em maio, Santo Antonio, em junho e as missas de setembro.

Hoje os finais de tarde de dona Lali são quase sempre parecidos. Na rua Bento Alves das Neves, onde mora, costuma sentar em frente à casa salmão com porta e janelas brancas, olhar para a orla da barragem, fazer caminhadas, bordar e conversar com amigos e parentes. O assunto predileto? Relembrar os tempos em que São Desidério começava a escrever sua história.

Ano novo, novas escolas

Maquete da Escola Modelo que será construíída em São Desidério

Para incrementar com mais qualidade a educação da rede municipal e as atividades do ano letivo de 2010, quatro novas escolas passam a integrar o patrimônio público, beneficiando mais de 500 alunos nas comunidades de Almas, Currais, Ponte de Mateus e na sede de São Desidério.

Com recursos próprios do município os novos prédios escolares foram construídos dentro de modernos padrões técnicos e de segurança. São salas de aula arejadas, cantina, diretoria, sanitários e espaço para recreação. Todas funcionarão pela manhã e a tarde com ensino fundamental.

As escolas Geraldo Rodrigues de Almeida, no povoado de Currais e Ovídio Francelino de Souza, em Ponte de Mateus oferecerão para os alunos, laboratórios de informática. As escolas Henrique Vieira de Barros, em Almas e Castelo Branco, na sede, além do laboratório de informática serão equipadas com salas de recursos multifuncionais para atender alunos com necessidades educacionais especiais.

Melhorias - Era comum em muitas localidades do município a presença de escolas pequenas construídas próximas umas das outras. A infraestrutura era limitada atendendo apenas a um número reduzido de alunos. A presença de professores leigos era uma marca tradicional entre elas. Uma solução encontrada pela administração municipal foi construir prédios escolares em áreas estratégicas e centralizadas, como forma de atender a todas as localidades. A partir de 2003, com o aumento do número de alunos, as escolas passaram a ser nucleadas e o corpo docente capacitado com formação específica para cada série.

No povoado de Almas a nova estrutura vai substituir um prédio pequeno que atendia às necessidades da época em que foi construído. A diretora Silvânia Maria dos Santos Oliveira não esconde as expectativas. "Antes era um colégio precário, era um sonho da comunidade de Almas. Essa nova escola assinala novos tempos para uma educação com mais qualidade"

Situação parecida é a da Escola Castelo Branco. Fundada em 1966 e localizada no centro da cidade, atendia apenas duas turmas por turno. As matrículas sempre foram muito disputadas. O espaço foi totalmente reconstruído, o número de salas, ampliado, e, conseqüentemente, aumentando o número de turmas.

Escola Modelo – Para este ano o governo municipal dará início à construção de uma escola que pelas dimensões será considerada modelo na sede do município com uma estrutura que não deve se equiparar a nenhuma outra construída no oeste baiano. O projeto prevê biblioteca, laboratórios de informática, quadra poliesportiva e piscina olímpica para aulas de natação.

Educação inclusiva é realidade nas escolas

Desde março de 2009, 26 alunos com necessidades educacionais especiais de visão, audição e intelectual na sede e zona rural de São Desidério recebem atendimento especializado. A iniciativa é da Secretaria Municipal de Educação que implantou o Atendimento Educacional Especializado - AEE. A proposta se antecipou à chegada das salas de recursos multifuncionais destinadas ao município pelo Ministério da Educação.

Localizado à rua Antonio Lopes de Menezes,13, no centro da cidade, o AEE funciona com um trabalho voltado para orientação e mobilidade, ensino do Braille e da língua brasileira de sinais - Libras. A professora Cristiane Dias utiliza métodos e recursos como aulas práticas para identificação dos sons, cheiros e sabores e os alunos também aprendem a superar os obstáculos e participam de jogos.

"O AEE é de extrema importância para o melhor desempenho dos nossos alunos com necessidades educacionais específicas em sala de aula, uma vez que proporciona tudo aquilo de que eles necessitam para superar as limitações impostas pelas deficiências", avalia Cristiane.

Mas o trabalho não se restringe entre as quatro paredes. Nas escolas da zona rural de Pontezinha, Mutamba, Sítio Novo e Derocal, alunos com deficiência auditiva matriculados no ensino regular participam, juntamente com a comunidade escolar, de momentos de socialização dos conhecimentos aprendidos no AEE.

"Criamos a Coordenação de Educação Especial e a partir dessa sala de recursos estamos nos preocupando em fomentar essa ideia, de forma que o município já dispõe de acompanhamento às crianças com necessidades educacionais especiais nas escolas e atendimento em horário oposto", afirmou a secretária de educação Cátia Alencar.

Neste ano de 2010 outras seis escolas da sede e zona rural receberão salas multifuncionais providas de equipamentos, mobiliários, materiais didático-pedagógicos e recursos de acessibilidade.

Preparar o futuro com mais saúde

Ainda é madrugada de segunda-feira, 02 de fevereiro na localidade de Pindaíba, a cerca de 100 km de São Desidério. Divani Rodrigues dos Santos, 24 anos, após tomar o café, pega a sacola com as roupas do bebê - que estava arrumada há uma semana - e sai de casa em companhia do marido para a beira da pista à espera de transporte. São 3h20min e o microônibus de linha regular passa no povoado sempre às 3h30min em direção à sede. Depois de uma viagem longa e cansativa para uma grávida de nove meses, às 7h da manhã esta na Casa de Apoio à Gestante onde permanecerá até a chegada do bebê."Eu fui bem recebida aqui. Tenho uma cunhada que mora no Alto do Cristo, mas não consigo subir lá. Estou muito ansiosa, apesar de já ter duas filhas esse é meu primeiro menino, agora é só esperar", declara Divani. Na Casa de Apoio à Gestante, estrategicamente localizada nas imediações do Hospital e Maternidade Nossa Senhora Aparecida, Divani e outras futuras mamães que moram na zona rural e que não têm parentes na cidade, são acolhidas com carinho e conforto. Elas permanecem no local desde as vésperas de dar à luz até o pós-parto. A casa foi inaugurada em 2009 e faz parte do Programa Mãe é Vida, uma proposta da secretaria de saúde que visa reduzir o índice de mortalidade infantil em São Desidério.Após o parto mães e filhos voltam para a Casa de Apoio onde recebem acompanhamento médico até que o bebê faça as primeiras vacinas e o teste do pezinho."O município possui uma extensão territorial muito grande e a secretaria não tinha como dar apoio às gestantes que vêm das localidades mais distantes na hora de ganhar seu bebê, sendo muitas vezes detectadas nesse momento, complicações no parto e à criança. Então através do Programa Mãe é Vida e a Casa de Apoio à Gestante, as grávidas são recebidas com muito conforto em uma hora muito sensível", avalia a secretaria de saúde de São Desidério, Marizete Bastos.

Segurança - Com 79 m² de área construída, o espaço é dotado de sala, cozinha, banheiro, três quartos, varanda, área de serviço e totalmente mobiliado, tem capacidade para receber até sete gestantes. Até o fechamento desta edição 79 mães já haviam sido assistidas pela casa. Uma delas, Divani dos Santos que deu a luz a Carlos Eduardo. Mãe e filho passam bem.

Mulheres são acolhidas com carinho e conforto na Casa de Apoio

Sustento que vem da natureza

Por Jackeline Bispo

Aos 31 anos Lení Barros exibe orgulhosa a bolsa que aprendeu a fazer com o capim dourado e a palha do buriti. A história dela é parecida com a de outras 40 pessoas que compõem a Associação dos Trançadores da Palha do Buriti fundada em 2004 no povoado de Ilha do Vitor a 30 quilômetros da sede de São Desidério.

"Cresci observando os mais velhos trabalharem com a palha, hoje o sustento vem do artesanato que desenvolvemos", revela Lení que faz questão de ensinar o ofício para a filha. Até 2005 a única matéria-prima utilizada pela associação era a palha do buriti, todo o material produzido tinha características rústicas. A partir da parceira entre a prefeitura e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) os moradores conheceram o capim dourado e receberam técnicas de como produzir mais e melhor.

Uma bolsa grande leva em média cinco dias de produção

Representantes do Sebrae ensinaram como aperfeiçoar e diversificar a produção por meio de oficinas tecnológicas de design, criatividade, padronização, embalagens e preço, além de um treinamento empresarial. Hoje a matéria prima toma forma de chapéus, bolsas, bijuterias, cestos, sofás, esteiras, porta-retratos, quadros e tudo mais que a imaginação permitir.

Graças à força de vontade de cada pessoa e ao apoio da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo (Sematur), em cinco anos várias mudanças foram realizadas no povoado e na vida dos moradores. As antigas casinhas de palha e adobe foram substituídas por casas de concreto, fator que possibilita mais conforto e segurança à população. Móveis, utensílios domésticos e meios de transportes foram adquiridos com a renda que vem do artesanato.

A caixa ornamentada esconde a iguaria

E muita novidade esta por vir, é o que afirma um dos fundadores da associação, João Francisco Dias, "para este ano estamos preparando um novo produto, o doce do buriti".

A iguaria tem uma ornamentação toda especial feita com partes da própria planta.

João explica que a colheita da matéria-prima é orientada por técnicos da Sematur, "são espécies nativas que precisam de cuidados por isso na época de colheita existe o acompanhamento da secretaria".

Segundo o secretário de meio ambiente e turismo, Demósthenes Junior, o monitoramento da colheita é uma preocupação com o futuro da atividade extrativista. "Essas pessoas dependem desse recurso natural, assim orientamos sobre o ciclo de vida das plantas, a importância do planejamento na colheita e repassamos técnicas de manejo sustentável".

Todo esse empenho faz o artesanato de São Desidério ser reconhecido em diversas regiões do Brasil. Com o apoio da secretaria a associação já participou de feiras em Brasília, Belo Horizonte, Fortaleza e Salvador. A fibra da palha de buriti é levada para o Rio de Janeiro e utilizada pelo grupo especial de escola de samba do Canta Galo, cordas trançadas vão para Taubaté, em São Paulo e esteiras para uma fábrica de bolsas de Salvador.

Mas não para por aí. Lembra da Lení do início desta matéria? Então, além de implementar o sustento da família, ela agora também é instrutora e ajuda outras famílias a construir o futuro com as próprias mãos. Pessoas das localidades de Roda Velha e Ponte de Mateus vão até Ilha do Vitor para aprender com a associação a utilizar a natureza sem destruí-la.

Projeto muda rotina de moradores

O Projeto de Preservação e Recuperação do Riacho do Lagamar esta mexendo com a rotina dos moradores de Furquilha e Sítio Novo a 25 quilômetros da sede de São Desidério. Idealizado pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo (Sematur) conta com a parceria da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e da Base Cerrado – instituição que oferece apoio à pesquisas no bioma e integra o Instituto do Meio Ambiente (IMA).

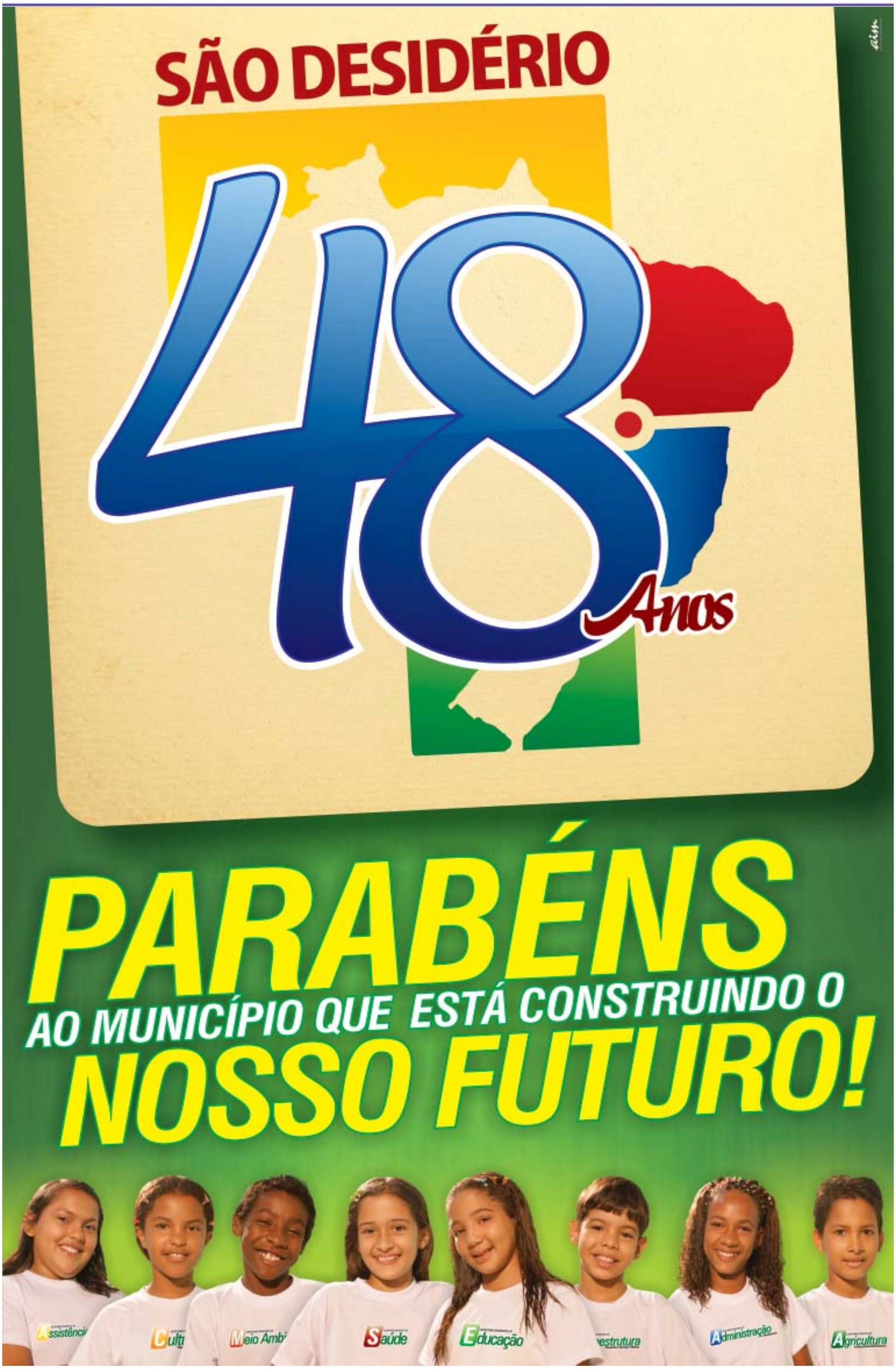
Desde o lançamento em novembro, várias ações foram iniciadas, entre elas o levantamento de espécies que compõem a flora da região do riacho, elaboração do Plano de Recuperação de Áreas Degradadas (PRAD), atividades de educação ambiental com alunos da escola local e moradores dos povoados, a construção de unidades sanitárias nas casas próximas ao riacho.

A fiscal ambiental, Biratânia Carvalho, explica que o uso inadequado da mata ciliar do riacho para necessidades fisiológicas acarretava contaminação direta do solo e das águas do Lagamar. "A água da chuva leva os dejetos para o riacho, por isso a construção dos banheiros é de suma importância".

A construção de 32 unidades já foi iniciada em Furquilha. A partir deste mês de fevereiro será realizado um mutirão para a construção de uma cerca em toda a cabeceira do Lagamar.

O cercado limitará a área de produção agrícola, uma das principais atividades degradadoras do riacho. Para o morador de Furquilha, Raulino Soares o projeto trouxe esperança. "O Lagamar é nossa fonte de vida, para recuperá-lo todo esforço vale a pena".

Unidade sanitária construída em Furquilha


SÃO DESIDÉRIO
48
Anos
PARABÉNS
AO MUNICÍPIO QUE ESTÁ CONSTRUINDO O
NOSSO FUTURO!
Saúde
Educação
Administração
Agricultura